

# O dito originário da linguagem

ARMANDO EDSON GARCIA  
Universidade Tuiuti do Paraná

## Resumo

O objetivo aqui proposto é identificar o conceito do Dito originário, a partir da temática heideggeriana, verificar sua lógica própria e procurar entender, com isto, as reflexões de Mélanie Klein a respeito do “corpo imaginado” lançado “num mundo. Nossa reflexão alcançará um segundo objetivo que é o de oferecer bases lógico-temáticas tanto para a confecção, como para a abordagem textual. O processo da produção do texto estará, então, entendido como o resultado de uma particular atividade operacional da mente. A operação mental e seu produto são correlatos. A temática, no nível de sua “originariedade” transcendental, será um falar que é também, e simultaneamente, um escutar a palavra em sua proposta. O ser deixa-se dizer na eloquência da linguagem fundadora. E para que se apreenda um texto, marcado por esta lógica, há que se colocar, na leitura, no mesmo ritmo lógico de sua confecção.

## Palavras-chave

lógica textual, lógica e linguagem, lógica e hermenêutica, ser e linguagem originária

## Abstract

The objective proposed here is to identify the concept of the originator *Dito* (*Die Sage*) starting from the heideggerian thematic, to verify its own logic and to try to understand, based on these notions, Mélanie Klein's reflections regarding the “imagined body” launched in a world. Our study intends to reach a second objective, which is to offer logic-thematic bases for the making and also the textual approach. The process of text production will be, then, understood as a result of a specific operational activity of the mind. The mental operation and its product are correlated. The thematic, in the level of its transcendental originality, will be a speaking which is also, and simultaneously, a hearing the word in its proposal. The being let itself say in the eloquence of the founding language. And in order to apprehend a text inscribed by this logic, one has to follow, in the reading, the same logical rhythm of its making.

## Key words

textual logic, logic and language, logic and hermeneutics, being and original language

## Introdução

**A** hipótese que nos conduz neste artigo diz que o que sustenta o sentido e a intenção do texto é uma matriz lógica. Daí que um texto só poderá ser compreendido e interpretado em sua intenção fundamental, na condição de se perceber a lógica que o gerou.

Tomando de empréstimo a tese cartesiana de N. Chomsky, podemos dizer que o espírito humano tem uma atividade de conhecimento que se modela na linguagem. A auto-modelação do espírito (e o espírito aqui é a mente), através da linguagem, é feita a partir daquilo que Humboldt designa como “forma”, isto é, regras e princípios subjacentes ao espírito correspondentes aos tipos de estruturas mentais responsáveis pela atividade conhecedora do ser humano (*ap. Chomsky, 1971, p. 1*).

Vamos utilizar este ponto de vista para tentarmos um acesso à linguagem como Dito, em sentido heideggeriano. O Dito nos coloca no âmbito da linguagem em que somos inseridos desde sempre em um mundo (em sentido heideggeriano). Esta originariedade ontológica nos remete também para a originariedade genética do ser. E em sua originariedade, o estar sendo do ser pode ser visto como um texto que se lê. E este texto é um comportamento. Texto-comportamento portador de um significado e de informações. Se aí há um texto é porque há um tema. E se há um tema, há uma articulação que o sustenta. A articulação pressupõe regras que conectam os termos que compõem o tema.

Na articulação do tema está a habilidade operacional da mente. Alguém tece sua própria expressão. Roland Barthes faz eco ao conceito do *Dasein*, em Heidegger:

Texto quer dizer Tecido... *perdido neste tecido – nesta textura – o sujeito se desfaz nele, qual uma aranha que se dissolvesse ela mesma nas secreções construtivas de sua teia* (Barthes, 1973, pp. 100-101).

A teia é a aranha no momento seguinte. A teia é já a aranha como legível, auto-elaboração de si para dentro do mundo simbólico.

Esta auto-elaboração do ser para dentro do mundo simbólico é sempre complexa, mas poderíamos, metodicamente, dividi-la em etapas: etapa uterina, etapa que vai do nascimento aos 18 meses de idade (mais ou menos), etapa que vai dos 18 meses em diante. A cada etapa corresponde um tipo de linguagem, respectivamente: a linguagem do Dito, a linguagem do Signo, a linguagem da Discursividade.

Em cada uma destas etapas, o indivíduo desenvolve operações mentais específicas que vão articular os diversos comportamentos próprios à respectiva etapa. A atividade mental é um *logos* ativo. Em termos de comportamento, trata-se de um saber de que se reveste o sujeito no seu dar-se como presença no mundo expressivo. E este saber é a expressão de um tema. E o tema tem sua articulação própria na expressão do corpo próprio.

## O “corpo imaginado”

A criança no seio materno não é simplesmente um organismo celular vivo, em termos biológicos. É bem mais do que isso. Melanie Klein entende esse pequeno ente como um “corpo imaginado” (1984, p. 26). É então que, a mãe, durante a gestação, e já antes dela, lança sobre este entezinho um conjunto de imagens que correspondem a suas fantasias e expectativas. É esta idealização que deborda, ao entezinho, uma dimensão para lá do estritamente biológico. O entezinho traz consigo, ao nascer, uma “visão” do eu mundo, de tal modo que pode entender o nascimento como ameaça, e visualizar o estado pré-natal como um estado ideal de vida.

A verbalização posterior do adulto, de suas fantasias e temores nesse estado pré-natal, não têm explicação suficiente se tomarmos o caminho da explicação mecanicista dos estados mentais,

que se apóia na introdução de impressões vindas do exterior estimulando a atividade mental em termos de memorizações e associações. É esta, por exemplo, a explicação de Skinner em seu *Verbal Behavior* (ap. Chomsky, 1964).

Trata-se na verdade, de dar uma explicação para um saber próprio do indivíduo na vida intra-uterina. Este saber não é simplesmente fruto de uma memorização da experiência aí vivida, mas é, antes, um conhecimento que se originou pelo fato de o indivíduo ter em funcionamento, nesta fase, uma operação mental que lhe permite algo como a experiência da vida uterina. Esta experiência é o saber como um conhecimento (não objetivo) elevado à esfera de “idealização da bolsa” ou do estado pré-natal. Esta operação mental tem uma estrutura própria, sua regra fundamental de articulação. Neste estágio, a operação mental não se verifica por uma atividade cerebral. O embrião não tem cérebro ou um sistema nervoso central explícito. O óvulo fecundado detém uma estrutura dos princípios operatórios “mentais” já em programa e, em seu nível, operando nesses momentos iniciais. O entezinho que surge traz não só a carga genética do pai e da mãe, mas também a articulação dos desejos e sonhos de um e de outro. E nisto está um pronunciar originário onde se aloja, por solicitado, o novo entezinho. Nisto ele é “corpo imaginado”, um Dito heideggeriano.

## O ser “lançado” num “mundo”

O pequeno ser, como ser pronunciado, foi lançado num mundo. Neste enunciado se escondem duas coisas importantes: a dimensão da linguagem em que estamos inseridos desde sempre, e a dimensão de um mundo em que nos situamos como condição definitiva de existência. Por ora ficamos com a dimensão do “mundo”, e exploramos sua constituição para aquilo que interessa à leitura de um texto-comportamento.

De que mundo se trata? A bolsa uterina, para o entezinho, é um ambiente sem luz, sem luz, sem formas espaciais. À sua capacidade perceptiva, neste momento, tais coisas espaciais não contam. O “mundo” a que é lançado o entezinho não é aqui um mundo concreto, espacializado, cheio de coisas. Não é um lugar. Na verdade,

trata-se de uma dimensão nova, trata-se do mundo como horizonte sem fim, de onde nascem todas as esperanças, uma dimensão do imponderável, cujo ritmo é o de um pulsar capaz de criar todas as utopias. É verdadeiro para este “mundo” tudo que se revela como tendo um sentido no interior deste mesmo “mundo”. A verdade se revela no interior deste “mundo”, se mostra, enquanto dá à luz a um todo envolvente, a uma totalidade, não das coisas, mas a uma totalidade do uno: há uma unidade do todo. A unidade fundamental de si, esta é a verdade que se mostra no mundo de antemão dado ao entezinho, que se faz agora mensagem. Ele é notícia de um mundo mais vasto que o mundo material.

As utopias e esperanças latentes na dimensão deste mundo são expressões da liberdade como dom do novo ser. A liberdade se agita no interior deste horizonte como uma possibilidade das mesmas dimensões. Por estar inserido no horizonte desse “mundo”, o novo ser é dotado de um olhar que o lança na posse desde já de todo seu futuro. Tudo o que tem a ser é seu futuro que, desde sempre, se lhe faz presente, um universo indizível prodigalizando aquela unidade e segurança, de que a bolsa uterina é para nós o símbolo imediato em sua esfericidade. A esfera conduz à forma do “zero” e o zero em filosofia não é o indicador do vazio de coisas inexistentes. O zero aponta para a “terceira margem do rio”, no dizer de Guimarães Rosa, isto é, aponta para uma dimensão que não é esta aqui, nem aquela lá, mas uma outra, indizível, incompreensível para os sentidos. Pois bem, esta esfericidade é de nível zero, é uma dimensão no interior da qual tudo adquire sentido. Heidegger vai dizer: *“sem a originária revelação do nada, não há ser-si-mesmo, nem liberdade”* (1973, p. 225).

Melanie Klein entende que é a mãe quem propicia para a criança este “mundo envolvente”, essa nova dimensão do ser, pela articulação da linguagem. Trata-se de uma articulação que faz presente este “mundo”, dá-se um presentar que propicia a presença, o ser deste entezinho.

De dentro da presença fala o tempo que diz “presente”. É assim que, por trás da presença oculta-se o presentar, o que sustenta a presença, ou, ainda, por trás da presença oculta-se o tempo, não o

tempo cronológico, mas o tempo como permanecer. O presentar do tempo, o presentificar, é o desvelar da presença, esta como instituição do ser. “Ser” é o destino do ente; o tempo é o permanecer e o presentificar do destino, ou seja, é o destinar do destino. Enfim, o tempo como presentificador revela o “mundo”.

O “tempo” deve ser entendido como uma atividade (operador) que propicia o advento do “Ser”, o argumento em termos de resultado desta atividade; o tempo abre o mundo para o entezinho. Agora podemos entender o que Heidegger, em *Tempo e Ser*, repetia metodicamente: “*Dá-se ser; dá-se tempo.*” (1973, p. 453 e ss.).

Portanto, desde a origem, o homem é abordado por esta presença. Por ser abordado se presenta. Ouçamos esta passagem: “*O homem está postado de tal modo no interior da abordagem pela presença, que recebe como Dom o presentar que dá-se, enquanto percebe aquilo que aparece no presentificar*” (Heidegger, 1973, p. 461).

A abordagem é a atividade da linguagem, o pronunciar, que aborda o entezinho, e o conduz ao seu advento (é o operador identidade). Desde seus inícios, o homem é dotado de um dom, uma capacidade operatória que o sustenta no mundo, isto é, seu destino, no ser, já é para sempre dado. Sem isso, “*o homem não seria homem*” (*Id., ib.*).

Na medida em que a presença do muno, ou o mundo como presença, oculta o presentar, e na medida em que o presentar sustenta a presença, temos a mútua referência do presentar e da presença, do tempo e do ser: o Ser é constituído ocultamente de tempo, por trás do Ser fala o tempo. Um não se dá sem o outro: Ser é Tempo. Ser e Tempo, o mesmo. Esta é a primeira característica do Ser, segundo Heidegger: sua *ipseidade*.

Uma segunda característica é a existência, o estar jogado na abertura do ser, ou no umbral do ser. O umbral é onde alguém está situado “fora” (ou dentro). O *ex-sistente* é o *ek-stático*, onde o “ex-“ ou o “ek-“ indicam o “fora” de uma situação (stasis). O entezinho passa a ser-aí, porque sai fora de uma situação e se aloja na abertura (“aí”) de um “mundo”, onde está “ek-staticamente” presentado, onde vem à luz e se dá a revelar e se mostra em sua verdade. Porque vem para fora, no mundo do Ser, o ser-aí é “ex-sistência” (cf. Heidegger, 1964, *passim*).

Uma terceira característica fundamental do ser-aí é designada como a sua essencial neutralidade (Heidegger, 1928, p. 171-175, *ap.* Franck, 1986, p. 32; 55). Esta característica vai esclarecer a diferença que estamos até agora reforçando, isto é, a vida estritamente biológica não explica tudo no homem e nem é o mais importante. É preciso reconhecer a dimensão própria do “mundo” inaugural que eleva o entezinho ao *status* de “ser-aí”.

A neutralidade do ser-aí indica precisamente que a carne e a sexualidade (a diferença sexual) não podem por si próprios conduzir o homem à esfera do “mundo”, do ser. É assim que Heidegger procura exprimir esta idéia:

*A neutralidade específica do título “Dasein” é essencial porque a interpretação deste ente deve ser realizada antes de toda concreção factual. Esta neutralidade significa também que o Dasein não nenhum dos dois sexos. Mas essa assexualidade não é a indiferença da nulidade vazia, a impotente negatividade de um nada ôntico indiferente. O Dasein em sua neutralidade não é indiferentemente ninguém e todo mundo, mas a positividade e o poder originários da essência (ap. Franck, 1992, p. 136).*

O Dasein neutro é sem dúvida a fonte primária da intrínseca possibilidade que aflora em cada existência e torna-a intrinsecamente possível. O Dasein abriga a possibilidade intrínseca de ser factualmente disperso na corporeidade e por isto na sexualidade (*id.*, *ib.*, p. 137).

O que aí se pretende definir é o âmbito próprio da lógica transcendental. Ela define um campo anterior, em termos lógicos tão somente, à “toda concreção factual” que é do domínio das lógicas da diferença. Por isto mesmo, o Dasein não é nenhum dos dois sexos. Além do mais, Dasein também não é a “consciência”, algo inscrito na historicidade da lógica da diferença, o mundo da espacialidade. Ora, o Dasein neutro implica apenas o conceito de “tempo”, e não o de espaço. O Dasein é uma ipseidade neutra existente.

A definição da neutralidade do ser-aí só pode ser entendida se for situada em seu momento próprio: na origem mais fundamental

da vida de todo homem. Um momento a partir do qual tudo começa a ter significado, e o olhar interpretativo marca sua presença ao alorjar, a partir daí, todas as impressões vindas do exterior, todas as experiências, no interior do “mundo” inaugural, no interior do próprio destino individual. Em suma, em “A essência do fundamento” temos:

*É somente porque o Dasein como tal é determinado pela ipseidade que um eu-mesmo pode estar em relação com um tu-mesmo. A ipseidade é a pressuposição para a possibilidade da egoidade que não se revela jamais senão no tu. Mas a ipseidade não está jamais ligada ao tu – ela o torna possível -, ao contrário ela é neutra com relação ao ser-eu e ao ser-tu, mais ainda com relação ‘sexualidade’ (ap. Franck, 1986, p. 33).*

Assim, só é possível a lógica da diferença (D) se houver de antemão a lógica da identidade (I).

O mundo originário abre o horizonte que propicia ao indivíduo chegar ao *status* de sua maturidade, passando por diversas fases intermediárias, tais como a percepção do outro na diferença eu-tu, a assimilação da diferença socializada do sexo. O ser-aí, em sua neutralidade, encerra aquilo que Heidegger chama de “dispersão factual”, as possibilidades da diferença eu-tu, da diferença sexual e outras. O ser-aí como factual “*é sempre disperso em uma carne e ao mesmo tempo sempre dividido numa sexualidade determinada*” (1992, ap. Franck, 1986, p. 15). Heidegger reconhece que a espacialidade (Lógica da diferença) se aloja no âmago do “tempo” (Lógica da identidade). Tal espacialidade ele designa como “dispersão transcendental” (*Zerstreuung*); trata-se de uma “disseminação” (*Streuung*) originária e neutra. Em definitivo, o ser-aí é lançado num mundo e este mundo lhe prodigaliza tudo o mais. E como se tudo acontecesse no interior de uma imensa e luminosa esfera. É ela que permite perceber as formas e os sentidos. Tudo se desdobra a partir da esfera e no seu interior. Nas palavras originais: “*Ter ele um mundo ambiente (Umwelt) só é possível na constituição existencial do ser-no-mundo*” (Heidegger, 1964, p. 80).

## A linguagem como Dito

Dissemos que o que constitui o entezinho, desde o primeiro momento da concepção, é ser “pronunciado”, ser “jogado” para dentro de um “mundo”. Por este mundo, tudo se torna luminoso. Por ser pronunciado, uma palavra o trouxe à luz da vida, à luz do ser. O “mundo” é o horizonte de seu poder-ser. Suspenso no interior deste “mundo”, o entezinho repousa na palavra, habita a palavra (Cf. Heidegger, 1984).

Ernst Cassirer, em *Linguagem e Mito*, relata que os índios Uitoto têm uma passagem, a nós familiar, que diz: “*No princípio a Palavra se originou do Pai*” (Cassirer, 1972, p. 64). Neste mesmo ponto, o autor faz notar que os relatos da criação de quase todas as grandes religiões culturais, fazem a palavra aparecer sempre unida ao mais alto Deus criador. Cassirer informa ainda que na Índia, o poder do Discurso (palavra) vem antes do poder dos próprios deuses:

*Do Discurso dependem todos os deuses, todos os animais e todos os homens...*

*O Discurso é o imperecível, é o primogênito da Lei eterna, a mãe dos Vedas, o umbigo do mundo divino* (ap. Cassirer, op. cit. p. 66).

E mais, a palavra, em outros casos, aparece como força primordial, por cujo único intermédio o caos pode transformar-se em cosmos moral-religioso. Cassirer chama a atenção para o fato de que alguma coisa confere à palavra esse poder criador, esse caráter sagrado. É um poder que se revela ao ser pronunciado. A palavra, por ser pronunciada, cria o mundo e ordena o caos. Ela é o primogênito, a possibilidade fundamental (tempo) para que todas as coisas possam existir (espaço).

Não é difícil constatar nos mitos antigos que se trata da palavra originária, pronunciada para cada homem, a fim de que haja para ele “mundo”, e com o “mundo” possa apreender as formas de todas as coisas. O novo ser é, desde o início, um ser de linguagem: ao ser pronunciado, também se pronuncia.

O conceito de “Dito” (*Die Sage*) elaborado por Heidegger traduz para nós o significado de “palavra originária” que conforma

um mundo. *Dito* é um termo que vem de *dizer* (*Sagen*), que no antigo alemão significava *mostrar*. O Dito mostra, revela, desvela, descobre o que estava encoberto. No Dito “repousa a palavra em seu desdobramento”, ou seja, o primeiro modo de a palavra (a linguagem) se apresentar é como Dito. O Dito funda o início de tudo. Só depois o outros modos de linguagem serão possíveis:

*O que se desdobra na palavra é o Dito enquanto mostra: “...todos os signos se originam de um mostrar, no horizonte e pelas intenções do qual somente eles podem ser signos”* (Heidegger, 1984, pp. 240-241).

A palavra (a linguagem originária) em seu desdobramento, em seu mostrar, é um traçado-abridor, isto é, abre um sulco como aquelas máquinas na lavoura abrem sulcos para pôr sementes e fazer aparecer o que foi plantado. O traço ou o sulco revelam, dão à mostra. O dito é o modo inicial fundamental pelo qual a linguagem inaugura sua tarefa de abrir sulcos, os quais deveram o ser e suas possibilidades. Os falares de todos os tipos, as linguagens de diversos níveis, têm sua fonte no Dito: “*Seu dizer tem sua fonte no Dito um dia falado e até este dia ainda in-falado, que atravessa e liga o traçado-abridor da palavra em seu desdobramento*” (*Id.*, *ib.*, p. 241).

Dissemos que o apresentar (tempo) aborda e sustenta o ser. Mas o ser-aí (o entezinho) está de tal modo no interior desta abordagem que recebe como Dom a capacidade de “presentar”, isto é, ele vem dotado da capacidade lógico-operatória que chamamos I (lógica da identidade). Operar lógico-operatoriamente no nível originário é expressar-se na linguagem do Dito. Quando dizemos que o apresentar aborda o ser, também estamos dizendo que o falar aborda o ser. E falar é a mesma coisa que escutar. Não no sentido de que alguém fala e outro escuta numa conversa cotidiana. Falar e escutar se dão ao mesmo tempo.

É no escutar da palavra que nós falamos. O escutar da palavra originária pelo ser-aí é sustentar o Dito, é falar trazendo à luz o que se revela. Por isso também já dissemos que o ser-aí, porque abordado pelo apresentar, recebe como Dom o presentificar, isto é,

porque lançado pela palavra, o ser-aí recebe como Dom o falar, porque também é capaz de escutar. Escutar é a atitude fundamental de se-deixar-dizer, pelo que o mundo próprio de ser vem de se mostrar à luz da existência. O escutar é a eloquência do ser-aí do entezinho que se faz linguagem ao modo da chegada do ser. O ser-aí é como o ser se diz na sua linguagem apropriada. O escutar é proferir o ser e o “mundo”.

Enfim, o entezinho, lançado pela palavra no “aí” do “mundo” como seu próprio destino e alcance de ser, enquanto escuta, expressa o Dito fundamental; deixa-se dizer na eloquência da linguagem fundadora. Falar-ouvir é o operatório que sustenta a presença que se mostra à luz da linguagem do dito.

## Conclusão

O dito originário, portanto, não é o ruído e os sons vocais das conversas diárias. O dito originário é tudo o que o entezinho exprime a partir de si para si mesmo. Seu próprio universo de ser e poder-ser, porque o dito também contém toda percepção e toda representação.

O Dito exprime uma totalidade sem divisões, a unidade passado-presente-futuro como presente (o tempo), o “mundo” em que se aloja o ser-aí, o ser que mostra na dimensão do ser-aí, o modo fundamental do entezinho. O Dito é o comportamento originário e inicial, é a expressão fundante.

Tais são os temas interligados do Dito originário: o tempo, o destino, o nada, a totalidade, o falar e o escutar. A Lógica da identidade é o modo de abordagem dessa temática, no nível fenomenológico.

É a linguagem como Dito que confere ao homem sua especificidade. É o Dito que torna possível a linguagem (de qualquer nível) e a meta-linguagem. Enfim: “A palavra permanece, portanto, indubitavelmente ligada ao poder humano de falar” (*Id. ib.*, p. 242).

## Bibliografia

- CASSIRER, Ernst. 1972. *Linguagem e mito*. São Paulo: Perspectiva.
- CHOMSKY, Noam. 1971. *Lingüística cartesiana*. Petrópolis: Vozes.
- \_\_\_\_\_. 1964. A Review of Skinner's Verbal Behavior. In: FODOR, J.; KATZ, J. *The structure of language: Readings in philosophy of language*. New Jersey: Prentice-Hall.
- FRANCK, Didier. 1986. *Heidegger et le problème de l'espace*. Paris: Minuit.
- HEIDEGGER, Martin. 1992. *The methaphysical foundations of logics*. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press.
- \_\_\_\_\_. 1964. *L'être et le temps*. Paris: Gallimard.
- \_\_\_\_\_. 1984. *Acheminement vers la parole*. Paris: Gallimard.
- \_\_\_\_\_. 1973. Tempo e ser. In: *Os pensadores*. São Paulo: Abril, v. 45, p. 453-470.
- KLEIN, Melanie. 1984. *Inveja e gratidão*. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago.